CIDAC 0070 TL 4235
Centro de Documenta
Reservado 1986

Reverendo Padre

É com imensa satisfação que envio a V. Rev.cia as nossas saudações combativas, extensivas a todos os P.es que desmonstraram ser verdadeiros filhos do nosso Povo, e é também com a plena confiança de que comungamos as mesmas preocupações, as mesmas ansiedades e, sobretudo, a mesma determinação na defesa dos direitos do nosso Povo e a mesma fé de que o querido Povo Mau Bere derrotará o agressor da PÁTRIA!

Provindos de uma situação beneficiada, no período colonial português, todos quantos nos sentimos capazes de estar à têsta do martirizado Povo Mau Bere, devemos, sem a mínima hesitação, fazê-lo, convictos de que estamos sòmente cumprindo as nossas obrigações históricas na estrutura sócio-política do nosso País e certos de que, ao nosso lado, o nosso Povo seguirá determinando o seu rumo pela conquista das suas liberdades fundamentais. Infelizmente, muitos, dos que estão em situação de poderem colocar-se (se não à frente), pelo menos, ao lado do nosso Povo encorajando-o e incutindo-lhe ânimo e firmeza no seu legítimo combate, pensam que, ao nosso Povo, nenhum direito lhe assiste, que o nosso Povo não tem nada a reclamar para si e que o nosso Povo está predestinado a viver escravo.

Todavia, se existem esses traidores à causa do nosso Povo, se existem indivíduos que fàcilmente veneram os donos, anteriormente dos escudos e, hoje, das rupias, sobrepondo a situação particular que desfrutam, em qualquer dos casos, à soberana vontade popular de se libertar, O NOSSO POVO CONHECE E RECONHECE QUE TEM, POUCOS EMBORA, FILHOS SEUS DETERMINADOS A ACOMPANHÁ-LO NA SUA LUTA DIFÍCIL, FILHOS SEUS, VERDADEIROS FILHOS, QUE SENTEM O QUE ELE SENTE, QUE QUEREM O QUE ELE QUER, QUE BUSCAM O QUE ELE BUSCA E QUE JÁ DEMONSTRARAM (E CONTINUAM A FAZÊ-LO) QUE, SEJAM QUAIS FOREM OS OBSTÁCULOS A ENFRENTAR, SEJAM QUAIS FOREM OS SACRIFÍCIOS EXIGIDOS, PROSSEGUIRÃO FIRMES AO LADO DELE - O HERÓICO POVO MAU BERE!

Reverendo Padre, companheiro da Luta e irmão de sangue mau-bere! A posição assumida por V. Rev.cia e por outros timores, digo, Padres timores não só é uma grande consolação para nós como timoras, dessas posturas, constante inspiração moral e política, enquanto que aqueles, (que também nasceram nesta terra mas negam ao nosso Povo os seus direitos), só têm merecido o nosso total desprezo!

Realmente, a Igreja não "faz política" no estricto sentido da palavra mas a Igreja, por outro lado, não pode colocar-se fora, não pode abstrair-se dum processo em que ela (i.é., os seus elementos) está integrada, pois esses elementos (representantes ou clero) fazem parte (e parte viva) de uma sociedade na qual está inserida. A FRETILIN não considera a Igreja como uma estrutura abstracta e muito menos uma estrutura irreal ou fictícia, pois a missão profética (eu diria a missão libertadora) deve torná-la, na prática, num suporte das massas para a sua libertação. E, como conceito, a libertação que pensamos pertencer à Igreja, não significando um envolvimento integral ou directo (mas, porque não? - embora devamos considerar sempre em termos relativos, não podemos ad-

mitir que uma posição como a tomada pelo Cardeal das Filipinas, pelo Bispo Tutu ou pelas Igrejas de todo o mundo que vão em defesa das liberdades, em defesa dos violentados, em defesa de soluções que respeitem os direitos de todos, não são, melhor dito, seja um envolvimento integral da Igreja nos processos políticos?), não afirma, por si só, que qualquer posição a ser tomada pela Igreja deve, fundamentalmente, ir de encontro aos direitos e às liberdades da sociedade em que se insere cada uma. E, por isso mesmo, pensamos que as posições apolíticas só podem colocar a Igreja "em cima" da sociedade, só podem fazer da Igreja uma estrutura "morta", uma estrutura "sem missão" numa sociedade, o que na época contemporânea pode não dignificar a Igreja e, cremos, que uma situação assim só pode remeter a Igreja a um distanciamento com as massas. E, Rev.do Padre, não nos iludamos com as "fantásticas" conversões pois, se queremos ser objectivos e realistas, com os pés bem assentes no chão de Timor Leste, temos que concordar que a busca de protecção, aliado ao repúdio ao ocupante, está na base das "milagrosas" conversões. Não é nossa intenção ofender a Igreja com estes factos (que qualquer pessoa de bom-senso fàcilmente notará) mas simplesmente quero, com isso, afirmar que o nosso Povo espera e deseja manter a sua confiança de que a Igreja de Timor Leste continue interpretando, com fieldade, as suas aspirações, os seus anseios, a sua vontade, a sua Luta! Doutro modo, o Povo Mau Bere pode perder essa confiança, que sempre depositou na Igreja, quando verificar que esta "contraria" aquilo que ele busca com o sacrifício da sua própria vida e não nos admiraremos se essas rápidas conversões se desmantelem... por culpa da própria Igreja!

Mui querido Padre, pertenci a uma camada fútil da sociedade timor e, embora tivéssemos que apresentar, para o bilhete de identidade, uma certidão de baptismo, a praia e os vícios, o dinheiro e a corrupção desalojaram das nossas mentes o lugar de Deus. Em questão de estatística, o número de católicos era razoável; em questão de prática religiosa, de aprofundamento da fé, o número de católicos (verdadeiros) reduzia-se àqueles (não digo sòmente) que cumpriam as suas obrigações dominicais. Assim, penso que a Igreja não deve ficar satisfeita sòmente com os números, que serão ilusórios se a prática da fé não comprovar. Nós sabemos (e lamentamos) a "guerra santa" que se desenvolve nas zonas controladas pelo inimigo: as conversões "ad hoc" - primeiro, baptiza-se e depois se aprende (se se aprende) a doutrina. Nada é mais prejudicial a uma Igreja que respeitamos! Conhecemos as dificuldades, conhecemos as boas intenções e os esforços, mas pensamos que a Igreja deve evitar a auto-satisfação pois a verdadeira essência das conversões pode ficar relegada a simples dados estatísticos.

Segundo o nosso entender, as circunstâncias da guerra permitiram essas conversões em massa e este facto, lògicamente, demonstra a confiança do nosso Povo na sua Igreja. Esta confiança será um compromisso de fé se a Igreja não vacilar em se colocar SEMPRE E AO LADO DO NOSSO POVO; caso contrário, a frustração será grande e o compromisso para o a

profundamento da fé dissolver-se-á nos 'lúliks' que "verdadeiramente defendem as aspiraçoes" das massas. Eu não sou padre nem catequista mas, já anteriormente, conhecia muitos casos em que perante um problema, uma doença, uma aflição, os cristãos (quando muito) oravam a Deus nas igrejas mas, logo a seguir, iam fazer os 'hamulak'.

Tome V. Rev.cia estas nossas opinioes como uma atitude de crítica construtiva, para o bem do nosso Povo e para a própria Igreja de Timor Leste! A FRETILIN deseja uma Igreja em Timor Leste capaz de interpretar, em todas as circunstâncias, seja em ~~paz~~ tempo de paz como e principalmente durante a guerra, a soberana vontade do nosso Povo e só esta correspondência permitirá que a Igreja se implante com vigor na nossa terra, assumindo as exigências cristãs da actualidade, em todos os domínios do progresso e bem-estar do nosso Povo e da nossa Pátria!

NÃO NEGAMOS NEM ESQUECEREMOS NUNCA A DECIDIDA E CORAJOSA ATITUDE DA IGREJA DE TIMOR LESTE E, PARA ALÉM DISTO, AFIRMAMOS QUE A NOSSA LUTA SERIA EXTREMAMENTE MAIS DIFÍCIL NÃO FOSSE O INDISPENSÁVEL APOIO QUE A IGREJA DE TIMOR LESTE TEM VINDO A CONCEDER E A GARANTIR À RESISTÊNCIA! Mas sabemos também que existem padres timorenses (mai-los os indianos!!!) que são 'seratus per sen" indonésios e o próprio Mons. Belo (não renunciando ao direito do nosso Povo,) hoje defendem a integração sob a fachada de "autonomia". Esta divisão (de opções políticas) no seio da Igreja retira a capacidade a Igreja de Timor Leste de se apresentar, como o fez nos anos anteriores, como uma força de peso, como uma voz idónea... que também deve ser ouvida! A "deslumbrante" teoria que defendem os "seratus per sen" é uma vil traição ao nosso POVO e esta posição desacredita a Igreja, porque alguns dos seus membros legitimam a força e o crime e ~~pior~~ protegem a injustiça não desejando a verdadeira paz para a PÁTRIA DO POVO MAU BERE!

A paz só é possível em Timor Leste com o assentimento da FRETILIN; qualquer tentativa de impôr uma paz pela rendição (que o fantoche "gubernur" procurava adocicar com "descida para as Vilas para um processo de integração na sociedade" e, hoje, repetida pelo Mons.) receberá como resposta a continuidade da guerra. Nós estamos capazes de continuar a atacar e destruir as Vilas e campos e de parar, na maior parte do país, o trânsito nas rodovias e, se não o fazemos, é sòmente porque o Povo Mau Bere sofreria muito mais. Mas se a Igreja não mudar de postura política (que pensamos está assumindo) em desacordo com os verdadeiros anseios do nosso Povo, o nosso Povo perderá a confiança que tem vindo a depositar na Igreja e, da nossa parte, a Luta Armada deverá responder às angústias do nosso Povo. Se a Igreja (e a própria Santa Sé) abdicar das suas obrigações históricas (e porque não, políticas ?) para com o nosso Povo, à FRETILIN Não restará outra altermativa que renunciar à disposição que sempre demonstrou de respeitar as opiniões de outras forças no território. Como Movimento de Libertação, nós temos o SAGRADO DEVER DE CONTINUAR A AFIRMAR AO NOSSO MIL VEZES HERÓICO POVO QUE PROSSEGUIREMOS A LUTA, CUSTE O QUE CUSTAR, ATÉ OU A VITÓRIA SOBRE O CRIMINOSO OCUPANTE OU A EXTERMINAÇÃO TOTAL! A confiança e o respeito que temos para com a Igreja de Timor Leste pode dar lugar, como também ao nosso Povo,

a uma frustração irreparavel se a Igreja de Timor Leste virar as costas ao nosso Povo. Rev.do Padre, não é nenhuma ameaça (Deus me livre!), porém devo confessar que a desilusão será grande demais para a esquecermos fàcilmente!

Eu falo da Igreja como um todo (em que as decisões sejam de consenso geral ou representativo), pois todos quantos estamos no mato estamos profundamente reconhecidos pelo facto de muitos P.es (timores ou não mas mais mau-beres que os desgraçados vendilhões da Pátria) sofrerem com o nosso Povo, não em palavras sensacionais mas numa acção firme e contínua, num esforço tenaz e persistente, AO LADO DO NOSSO POVO, e tendo à cabeça o venerando e mui querido MONSENHOR MARTINHO LOPES! É, destes filhos de Timor Leste, que a nossa PÁTRIA precisa e é, de filhos como o Pe. Francisco Fernandes e V. Rev.cias, que o nosso POVO precisa!

Sua Santidade o Papa João Paulo II, quando se dirigiu aos catequistas, realçou o importantíssimo papel por eles desempenhado e declarou também que a Igreja necessitará sempre deles. Nós também somos de opinião que, com os Padres timores, verdadeiros filhos de Timor Leste e com os P.es estrangeiros que se entregaram à causa do nosso Povo e um punhado de catequistas bem formados, podemos prescindir, ABSOLUTAMENTE, dos "seratus per sen" pois a republik indonesia necessitará desses cidadãos indonésios de 2a. classe para converterem a imensa maíria muçulmana na pátria deles. E não irão sós, temos a certeza, pois terão um rico "gubernur" que os protegerá em todos os aspectos de uma autonomia, isso sim, no interior da sua grande indonésia! Ali, poderão reclamar os seus direitos de "falarem livremente o português" e conversarem em "tetum" sobre as rupias que forem amontoando!

Reverendo Padre, perdoe-nos a linguagem e perdoe-nos este incontrolável estado de alma, mas é dificil, para nós, tolerarmos que alguns indivíduos pretendam a desgraça do nosso Povo, a sua destruição, a sua morte como Povo que é, igual a outros Povos do Mundo! No Pacífico Sul, um punhado de ilhéus com menos de meia centena de milhar de habitantes constituem um estado soberano; as Maldivas, as Seichels, por exemplo, são pontos que não se vêem no mapa e são países independentes. O Povo de Timor Leste, com recursos naturais que garantem o seu progressso, não pode ser independente só porque a Indonésia não quer? A mensagem dirigida aos estudantes na Indonésia (e penso que V. Rev.cia já deve ter tomado conhecimento) foi para responder à vacilante posição assumida pelo Monsenhor e pelos "seratus per sen".

Garatujada sob a pressão da raiva de assistirmos que alguns filhos renegados desta terra e deste Povo ousem negar os direitos do nosso Povo e recorram a formas mais veladas para fazer desaparecer o nosso Povo, peço, no entanto, a V, Rev.cia para que transmita a nossa mensagem, esta mensagem, a outros Padres e o APELO DA DIRECÇÃO DA LUTA no sentido de quebrarem esta situação política no seio da Igreja e fazê-la readquirir O PESO DA SUA VOZ!

Para finalizar, peço imensas desculpas pelo carácter desta mensagem mas penso que são estes os cruciais problemas em que o nosso Povo se debate, na medida em que uma postura inadequada por parte da Igreja só arrastará os sofrimentos e prolongará a guerra, proporcionando ao vandâlo agressor capacidade de ir exterminando o nosso Povo!

Com muita estima e consideração,

TIMOR LESTE, aos 17 de Junho de 1986.-

Kay Rala Xanana Gusmão